

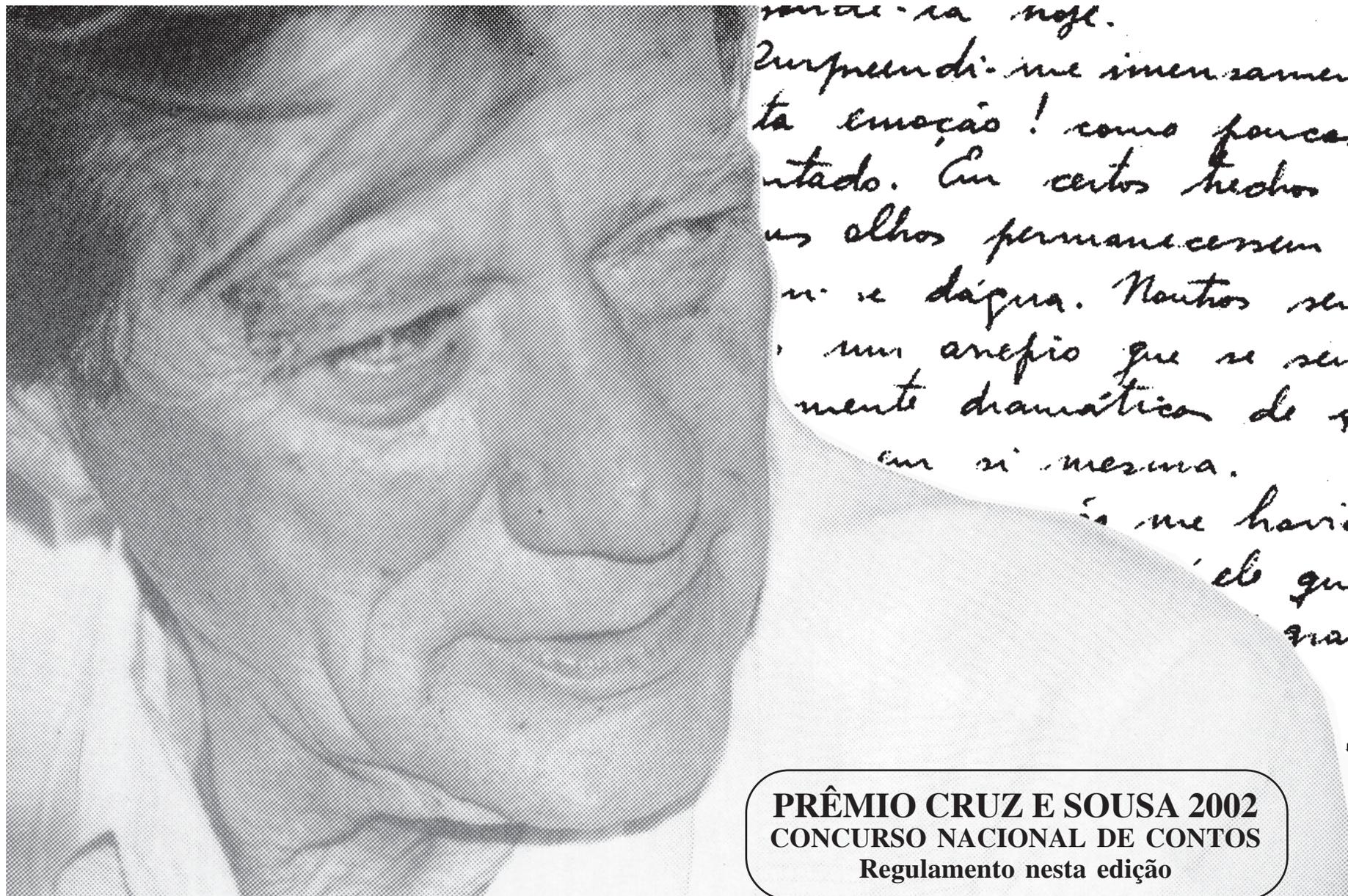
impresso

Ô Catarina! ^{NÚMERO} 52

Harry Laus DEZ ANOS DE AUSÊNCIA

Alai Garcia Diniz • Claire Cayron • Lauro Junkes • Luiza Cristina dos Santos •
Maria Albertina Freitas de Melo • Maristela Della Rocca Medeiros •
Miguel Sanches Neto • Ruth Laus • Taiza Rauen Moraes •
Tânia Regina Oliveira Ramos • Zahidé Lupinacci Muzart •

Foto de Laurent Huou



PRÊMIO CRUZ E SOUSA 2002
CONCURSO NACIONAL DE CONTOS
Regulamento nesta edição

Ô Catarina!

...um chapeuzinho e um ponto de exclamação, o desceram do imponderável e o nome se enriqueceu de sentido, virou também saudação e chamamento: 'Ô Catarina!'

O objetivo É isso aí: convocar, pôr em evidência e em debate o quanto for possível do nosso espírito criativo. Ser um ponto de encontro, um instrumento afirmativo de nossa alma plural. E sair um pouco pelo Brasil mostrando essa alma.

(Do editorial do primeiro número, em dezembro de 1992)

AO LEITOR



Ô Catarina! lembra os dez anos de morte de Harry Laus. Homem de múltiplas frentes de trabalho – crítico de arte, escritor, agitador cultural e humanista –, ele marcou todas elas com garra, dinamismo e muita competência. Por vários anos dirigiu o Museu de Arte de Santa Catarina, ultrapassando gestões governamentais e circunstâncias políticas. Descompromissado com as academias, tanto quanto comprometido com o mundo da literatura e das artes plásticas, foi um nome de referência entre criadores experientes e jovens aspirantes. Toda uma geração de artistas catarinenses ouviu dele a crítica providencial: severa ou elogiosa, era uma crítica que apontava caminhos, reconhecia méritos.

Como escritor, Harry Laus deixou uma produção que vem sendo a cada dia mais valorizada entre nós e em outros espaços. É de ressaltar, nesse aspecto, a difusão que sua obra tem merecido na França, fruto da atuação de sua amiga e tradutora Claire Cayron. Em artigo especial, ela analisa aqui o significado desse trabalho.

A professora Zahidé Muzart sugeriu e coordenou a presente homenagem, motivando colaboradores e pautando temas. Fiel guardiã (como diz Tânia Regina de Oliveira Ramos) do acervo de Harry, ela desenvolve com Ruth Laus, a incansável irmã, um grande trabalho de divulgação no Brasil.

Harry faria, 2002, oitenta anos de vida.

Ô Catarina!

Endereço para correspondência
Fundação Catarinense de Cultura
Avenida Irineu Bornhausen, 5600,
Florianópolis/SC, 88 025-202.

Telefone (048) 333-2166, ramal 206, fax (048) 333-1850
e-mail: gerletras@fcc.sc.gov.br



EXPEDIENTE

Governador do Estado
Esperidião Amin Helou Filho

Vice-Governador
Paulo Bauer

Secretário de Estado de Governo
Amaro Lúcio da Silva

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Diretora Geral (designada)
Elenita Gerlach Koerich

Diretora de Artes
Elenita Gerlach Koerich

Gerente de Letras
Flávio José Cardozo

' CATARINA!'

Editores
Flávio José Cardozo
Paulo Cláudio Schmitz

Editor assistente e programador gráfico
Flávio Bruggemann

Jornalista responsável
Paulo Cláudio Schmitz

Nesta edição,

Alai Garcia Diniz, Claire Cayron, Lauro Junkes, Luiza Cristina dos Santos, Maria Albertina Freitas de Melo, Maristela Della Rocca Medeiros, Miguel Sanches Neto, Ruth Laus, Taiza Rauen Moraes, Tânia Regina Oliveira Ramos e Zahidé Lupinacci Muzart

Impressão
Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina

Publicação da Fundação Catarinense de Cultura.
(Lei nº 8.564 de 15/04/92, publicada
no Diário Oficial nº 14.427 de 23/04/92)

Florianópolis, maio de 2002, número 52

O canto secreto de Harry Laus

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

Professora do curso de pós-graduação em Letras e Literatura da UFSC

*Canto secreto, o título surgiu-me hoje,
com a ambigüidade da palavra canto*

Harry Laus

Último Diário, 08.08.1992

Este é um texto não só sobre Harry Laus, mas muito mais sobre a professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart e o seu papel de guardiã da memória de Harry, na UFSC. O armário que se encontra no nuLIME – Núcleo Literatura e Memória do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, é a grande metáfora do que estou dizendo. Ali estão alguns segredos e preciosidades de Harry. Zahidé guarda a chave do lado esquerdo do peito. Faz questão de abrir o armário e compartilhar a memória de Harry Laus, no que ele teve de mais sincero – os diários e as cartas, com aqueles iniciados na pesquisa literária, acostumados a gestos de confiança neste trabalho de autoria e co-autoria, que exercemos diariamente no nosso curso de Mestrado e doutorado. Falo especialmente de dois trabalhos ainda inéditos: a dissertação de Mestrado, defendida em 2001, de Maria Albertina Freitas de Melo, e a tese de doutorado em andamento, com defesa prevista para junho de 2002, de Táiza Mara Rauen de Moraes, intituladas respectivamente de *Contrapontos: As cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*; e *Diários: espaço de presença e ausência de Harry Laus*. As linhas e as entrelinhas das narrativas de si, trazidas à tona pelas duas pós-graduandas, com o cuidado inerente ao exercício e à responsabilidade da crítica genética, revelam-nos a fragmentação do homem moderno, que foi Harry Laus. Poderia aqui dizer que o homem comum constrói o seu destino biográfico. Costurando capítulos da sua história individual e da História do Brasil, o autor foi além: traçou o seu destino artístico. Mas o que mais impressiona nestas narrativas solitárias é a capacidade que Harry Laus teve de se mostrar ou de desvelar os seus segredos pelo atento esforço da expressividade individual ao falar das suas angústias pessoais e dos desejos coletivos daqueles que querem se inserir em uma história cultural, através de suas obras artísticas e literárias. Afinal, quem foi Harry Laus? Seria *trezentos*, como Mário de Andrade a si representou: escritor, crítico, artista, filósofo, sociólogo, historiador, gaúcho, catarinense, tijucano, brasileiro, um intelectual latino-americano. O prazer da leitura destes dois trabalhos de resgate, integrados às linhas de pesquisa Literatura e Memória e Literatura Catarinense, orientados por Zahidé Lupinacci Muzart, parte do acervo do Núcleo e da produção intelectual do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, me leva a operar alguns recortes e imaginar uma *Agenda* onde os dias do século XXI fossem permeados pelo olhar sensível do intelectual *poeta, visionário e atemporal* Harry Laus:

03 de março de 1991

Sobre a guerra, acho a paz apenas alinhavada, pronta a rebentar-se. Não creio que o Bush [pai] contente-se com esta situação incompleta, antes da destruição total de Sadam Hussein.

(Fragmento da carta a Claire Cayron)

27 de outubro de 1952

Por que todos os dias deste mês. E ainda neste momento, ao escrever Outubro, tenho ficado suspenso sobre esta palavra, como se devesse recordar algo de particular. Mas não consigo saber o que me prende e passo adiante, deixando o mistério dentro das vogais tristes da palavra e da sombria cruz do t entre dois uu, as velas derreadas, âncora lançada entre ondas infinitas.

(Impressões de Vida e de Leitura)

31 de outubro de 1951

Naturalmente todos vivemos sob a impressão de que poderemos desaparecer de um momento para outro, embora não o queiramos. Pois agora pensei nisso. Então, desejaria que meu diário fosse publicado. Gostaria que levasse o título: Diário Absurdo.

(Caderno Marrom, 1949-1952)

16 de abril de 1992

Entre o medo e a alegria, a vida vai indo, ou se esvaindo...

(Último Diário)

DIÁRIOS

Espaço de intersecção entre o autor e o leitor Harry Laus

TAIZA MARA RAUEN MORAES

Professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Univille

O ficcionista e o crítico de artes plásticas Harry Laus registrou por 45 anos em cadernetas e cadernos os seus *Diários*, nos quais o “eu” exprime intimidades memoráveis, recupera acontecimentos e impressões de leituras numa reconstrução contínua como sujeito no espaço/tempo.

A leitura dos *Diários* de Harry Laus, que integram o acervo de Núcleo de Documentação e Memória, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), viabiliza o cruzamento de relatos das experiências de leitura como decisivos para sua formação como escritor ao estabelecerem a seqüência de pontos de referências fixados, enraizando o movimento da escrita no tempo.

Absorvido pelo cotidiano, Laus sistematizou em sete cadernos manuscritos e em duas pastas datiloscritas datadas de 1947 a 1992, anotações existenciais marcadas por fortes conflitos relativos à sexualidade e às escolhas profissionais. O escritor se projeta na palavra pela reconstrução de textos, recompostos continuamente na busca de maior objetividade expressiva para posterior publicação. Os registros referentes a 1949/1959 foram organizados e titulados prevendo futuras edições: *Diário quase íntimo* e *Impressões de vida e leitura* (1949-1953) e *Monólogo da provação* (1958-1959). Porém, somente post-mortem, em 1998 e 2000, ocorreram publicações no Brasil e na França.

Em 1998, sua irmã Ruth Laus reorganizou os projetos e publicou-os em dois volumes pela Bernúncia Editora. O *Diário quase íntimo*, rearticulado por Harry como *Impressões de vida e leitura* é publicado com uma inversão no título – *Impressões de leitura e de vida* – e editorialmente foram separadas as impressões de vida das impressões de leitura, alterando os manuscritos, que numa totalidade, mesclam impressões de vida e de leitura; já o *Monólogo da Provação* foi editado conforme a última versão elaborada em vida pelo autor.

Em 2000, Claire Cayron, tradutora francesa de Laus, publica pela Editora José Corti, num único volume, os *Diários de 1949-1959*, com o título de *Journal absurde*, numa proposta que entrecruza *Diário quase íntimo* e *Impressões de vida e leitura*, assim proporcionando ao leitor a recuperação do processo de escritura e ao mesmo tempo desvelando as censuras e o trabalho que Laus fazia com a palavra. Os registros desta década inter-relacionam as

impressões de vida e as impressões de leitura e recompõem aspectos da tradição ocidental da filosofia, da história e da literatura realinhando visões de mundo. Porém, o processo não se limita ao entrecruzamento de valores. As impressões de leitura posteriormente são reativadas ficcionalmente na construção de personagens, nas escolhas temáticas e nas articulações das intrigas de novelas, contos e romances esboçadas nos diários. Também é observável que situações vividas e registradas foram reelaboradas ficcionalmente. É possível associar trajetórias de alguns personagens com as trajetórias vividas pelo autor. O personagem Coronel Vitório, do romance *Os papéis do coronel*, teve um percurso profissional identificável ao do autor quando ligado às Forças Armadas Brasileiras. Assim, a ficção e a autobiografia se articulam no processo criativo.

Na década de 60, a preocupação central das anotações diárias era a compreensão de um processo que envolveu Laus profissionalmente como integrante do Exército culminando no seu afastamento para a reserva.

Os registros da década seguinte se constituem como Anotações de viagens e assumem um ritmo diferente. Escritos esquemáticos referentes a descobertas de lugares, de pessoas, de hábitos e de culturas, nos quais as artes plásticas e o cinema são priorizados em detrimento da literatura.

Nos anos 80 e 90, no último caderno, a literatura reassume a significação preponderante: o leitor e o escritor Harry Laus afloram a cada linha. As idéias literárias e os projetos decorrentes, as impressões críticas sobre leituras são redimensionadas. Esta parte dos *Diários* apresenta apenas uma versão manuscrita, no entanto, o aspecto esquemático da fase anterior é abandonado. Laus se posiciona criticamente avaliando leituras recém-desenvolvidas e seus projetos literários em construção naquele momento.

Ao organizar os fios que compõem as narrativas dos *Diários* se evidencia a intersecção entre modos de escrever e modos de viver de Harry Laus. Os manuscritos por vezes desvelam momentos onde impera a busca de reordenação dos sentidos das palavras e outros, nos quais, o que importa é o simples registro e a reprodução dos movimentos da escrita que traduzem, pelos lapsos, o desejo do escritor e, pela palavra, como a vida se reconstrói.

Dez anos de ausência

MARIA ALBERTINA FREITAS DE MELO

Mestre em Literatura Brasileira pela UFSC

Harry Laus, em 1959,
no Rio de Janeiro,
quando assumiu funções
na Biblioteca do Exército.



Leendo as correspondências recebidas por Harry Laus e algumas notas referentes ao seu trabalho, pode-se confirmar o quanto este intelectual deveria orgulhar e envaidecer os brasileiros. Já os estrangeiros, especialmente os franceses, aprenderam a respeitá-lo, pois têm acesso à sua obra pela edição de *Os Papéis do Coronel*, *As Horas de Zenão das Chagas*, *Jandira*, *A Primeira Bala*, *os Diários*.

Caracterizando a arte literária do Harry Laus, crítico de arte, escritor e jornalista, citamos aqui algumas observações de alguns nomes da literatura, do jornalismo e de pessoas amigas do escritor.

Para Jorge Amado, no texto *Duas Palavras sobre Harry Laus*, ele “é o ficcionista cheio de interesse humano, servido por uma escrita límpida, uma prosa de alta qualidade, escritor verdadeiro, cheio de graça e ternura, de malícia e amor à vida”. Em outro texto intitulado “O contista Laus”, afirma que ele “assinava textos redigidos com inteligência e graça, polemizando, defendendo, atacando, dando uma séria contribuição às artes brasileiras como um de seus críticos mais sensíveis”. É o escritor “da mais alta qualidade, de verdadeira presença literária, uma carreira notável de ficcionista”. “Escritor admirável, contista da melhor raça, sutil criador de vida”.

O jornalista Fernando Py, ao comentar *Os Papéis do Coronel*, no jornal *Diário de Petrópolis*, nos dias 16 e 17 de novembro de 1996, diz que Harry Laus “exercita o texto com cuidado, escreve e reescreve sempre, com o objetivo de conseguir o máximo com o mínimo de palavras e, assim, atingir o cerne da escrita, escrever somente o essencial”.

O amigo Lenine, em uma de suas cartas, diz que o sentido das palavras de Harry Laus é puramente particular.

Outro amigo, Veríssimo de Melo, escreve que Harry Laus “tem uma maneira simples e encantadora de dizer tudo com espontaneidade, que ele tem um alto sentido de autocrítica

e sabe bem o que está fazendo. Seus contos são claros e humanos. Nada do artificialismo de certa gente”.

Sabemos que são dez anos de ausência, mas Harry Laus está e continuará presente no meio de nós através do resgate de manuscritos, cartas, diários e de tudo o que fez relacionado às Artes Plásticas e à Literatura. E acreditamos que, quanto mais avançamos no tempo, mais deverá se manifestar o interesse dos estudiosos e críticos pela obra desse escritor tão diverso.

Vindas do sul, o que norteia as cartas de Harry Laus ?

Requente, 29 de agosto de 1946.

Querida Ruth

Recbi hoje tua carta, e não posso deixar de respondê-la hoje.

Surpreendi-me imensamente, de se reli com tanta emoção! como poucas vezes tenho experimentado. Em certos trechos não pude deixar que meus olhos permanecessem apenas húmidos; encheram-se de água. Muitos sentia por todo meu corpo um anseio que se sente em cenas excessivamente dramáticas de filmes, li no se da vida, em si mesma.

É dizer que nós me haviam dito! Viro com esse grande sonho e é ele que me dá toda a força. Tu sabes quanto é grande, pois que o alimento também.

Julgava-te tão diferente! E no entanto és tão como eu próprio.

Fac-símile de carta à irmã Ruth

Historicamente cabe antes lembrar que a carta se instala como forma de convívio social diferenciado das elites na Idade Média mas é a partir do advento da escritura e da centralização estatal na Europa que, durante o Renascimento, a missiva passa a fazer parte do acervo administrativo para o reconhecimento de colônias ultramarinhas e outras posses mais. Expande-se depois entre os séculos XVII ao XIX a uma pluralidade de uso como meio de negócios, comércios e também de uma transformação do gesto social com o desenvolvimento paulatino da intimidade. No século XIX, na França, com a alfabetização ampliada a classes subalternas, a carta passou a configurar-se como gesto de poder e, neste sentido, no Brasil do século XX, a epistolografia torna-se uma prática de sociabilidade letrada e, hoje, com a expansão de estudos culturais, o estudo das cartas passa a constituir um gênero literário digno de estudo, uma vez que elucida a construção de um sujeito particular no universo do tecido social.

Discutir a correspondência de Harry Laus, no período de 1986 a 1992, caracteriza um desafio, não só pelo fato de ir além do reconhecimento do escritor como romancista, mas também por esmiuçar o gênero epistolar no movimento de uma escritura latino-americana, do hemisfério sul, e portanto na periferia do espaço convencional da publicação e do saber intelectual em direção a um centro do hemisfério norte, através das cartas à figura da tradutora francesa.

ALAI GARCIA DINIZ

Professora do curso de Pós-graduação em Literatura da UFSC

Esta escritura revela uma trajetória espacial de sul a norte apresentando-se formalizada no início da correspondência (1986) através de uma saudação hierarquizada do EU emissor para o Tu, receptor: “Prezada Madame ou Muito prezada Senhora Claire Cayron” que vai gradativamente, à medida que a relação deixa de ser configurada como de negócios, sendo transformada em intimidade com a saudação: “Dear ou Querida Claire; Dear Clarinha a partir, principalmente, de 1988.

Este sintoma observado em um elemento da correspondência indica a trajetória da relação que se estabelece entre criador e tradutora, transformando o componente territorial (sul a norte) em espaço afetivo confidencial e equilibrado.

Além da saudação, o corpo da carta caminha do relato informativo a questões de metalinguagem relativas a termos traduzidos do francês e passando destes elementos de referência, gradativamente, à dimensão particular de uma subjetividade. Deste modo surge a busca de cumplicidade da destinatária em relação ao oficial militar de reserva em ocupação artística no Museu de Santa Catarina, demonstrando uma atividade criadora como a do Dicionário de Artes Plásticas. Também aparece a visão de denúncia em meio ao momento de crise institucional, quando Harry Laus é surpreendido com a retenção da poupança em março de 1990, a saber:

“A situação do Brasil está mais caótica do que nunca. Só se fala no Plano Collor, do novo presidente, que acabou levando o dinheiro de todos, inclusive o meu. A promessa é de devolver em 18 meses... “Se for para o bem do povo e felicidade geral da Nação”, como diz D. Pedro no Dia do Fico, tudo bem! O Plano Collor é tão avançado que se fosse editado pelo Lula, ele já teria sido degolado.” (carta de 22/03/1990, pag. 87).

A retórica condensada e direta do discurso epistolar, ao mesmo tempo que mostra o conformismo e a boa vontade estampada na noção de cidadania, calca-se em atitude histórica nacionalista, clara expressão de sua origem militar. Em outro momento surge um corpo subalterno que aparece transgressivamente com referência ao padrão heterossexual e que se confessa perseguido em quaisquer níveis na sociedade catarinense tradicional, como se pode notar no trecho a seguir:

...me acho no direito de usar tudo o que venho guardando por anos e anos, com extrema vaidade, reconheço, e vontade de aparecer. Não sei dar explicações convincentes para ti, mas posso vislumbrar algo na pobreza que caracterizou minha infância, na perseguição homossexual que sempre sofri na minha vida (família, exército, sociedade, eu próprio que não admito)... (Carta do dia 27/02/1992, p. 125).

O desejo sempre presente do movimento transnacional, no caso as constantes viagens a Paris, combina-se com a desterritorialidade que o corpo homossexual realiza em função da repressão oculta ou dissimulada que o emissor da província sente? A busca de uma atmosfera aberta em termos estéticos e culturais? A ânsia por horizontes que conduzam a antenas contemporâneas e cosmopolitas de arte? Enfim anseios! O fato é que desta forma, à medida que avança a relação afetiva, íntima e de cumplicidade com a tradutora Claire, o escritor Harry Laus desoculta mais e mais camadas de subjetivação expressando através do gênero epistolar não só o gesto de convívio social como e principalmente o de construção particular de subjetividade.

Concluindo, é possível nesta tentativa de leitura inicial dessas cartas entre o sul e o norte esboçar os cruzamentos que se dão no corpo do emissor com referência à sexualidade, classe, cidadania e inserção da escritura latino-americana no âmbito editorial globalizado.

O DIÁLOGO DO MONÓLOGO

LUISA CRISTINA DOS SANTOS

Supervisora Editorial da Editora UEPG e professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa

“Alguns escritores emprestam seus próprios sonhos a seus heróis, virtudes inalcançadas, misérias dissimuladas, o amor que foram incapazes de confessar ou retribuir”. Harry Laus, assim, encaixa seus próprios caminhos pelas avenidas de suas personagens, afrescos da existência humana. Seu *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*, “papo bolado num vôo Rio-Madrid escrito em Paris outubro de 1977 para você acompanhar devagar reler tentar amar”, foi gerado num momento em que sopravam novos ventos, tempos de abertura política, de anistia, de redemocratização.

Na obra – confirmando preferência do período por uma literatura centrada em viagens biográficas –, a discussão sobre a questão do homoerotismo é medular. A mesma preocupação também pode ser percebida em *Os papéis do Coronel*, *Caixa d’ação*, *O santo mágico*, na peça para teatro *Roupa-Corpo-Roupa*, e em alguns de seus contos. A novela, certamente uma das mais fortes da literatura brasileira contemporânea, é declaradamente autobiográfica, segundo o próprio autor em entrevista concedida a Salim Miguel: “... em minha galeria de personagens, os que mais me tocam são os que refletem meus problemas: (...) o Cara, de *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos* (crucamente autobiográfico), pelos problemas existenciais que o cercam, inclusive o homossexualismo”.

A obra foi editada pelo próprio autor, em 1981, em formato revista, com tiragem de mil exemplares, sendo duzentas de luxo, personalizadas com a assinatura do desenhista Darcy Penteado, responsável pelas oito ilustrações exclusivas. Contribui para o fascínio do livro a paixão que emana de suas páginas, a plasticidade da linguagem e a vigorosa presença de suas personagens.

A pequena tiragem e a limitada circulação, tão só permitiram que o livro tivesse repercussão em âmbito restrito. Não obstante tais dificuldades, a recepção crítica foi-lhe bastante favorável, destacando, entre outras coisas, o caráter autobiográfico, o enigma suscitado pelo deslocamento do foco narrativo para uma cachorra, suas inovações formais, sua coragem por provocar a discussão de

questões até hoje muito polêmicas: o homossexualismo, a marginalidade, o amor livre, o preconceito, a mediocridade nas relações humanas... Além disso, o texto é acessível. O escritor consegue um ritmo que permite prescindir da pontuação convencional. Tal opção, paralela à linha modernista de Joyce, funciona no relato como evocação de uma espécie de unidade de ação, estruturada com justeza e originalidade. Há, por outro lado, um favorecimento da livre associação de idéias, de clara inspiração proustiana.

Entre os elementos que quase o transformam num livro de memórias, incluem-se detalhes como a localização da casa na praia de Porto Belo, a descrição das viagens entre Joinville, São Francisco do Sul, Porto Belo, Tijucas, Florianópolis..., o carnaval na Praça XV, mesmo as personagens, segundo Laus, foram criadas tendo como matriz pessoas muito presentes em sua vida. Propõe, desta forma, uma evidente permeabilidade entre criação e recriação de mundos. Com efeito, na essência da obra de Harry Laus, há a dicotomização de um impasse: a própria condição existencial ora aponta para a questão do sofrido processo da criação literária, ora assume contornos de dilemas mais íntimos, proposta por uma técnica lingüística que se combina com a análise psicológico-ontológica do homem. O que acontece em *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*, é que somos convidados a olhar para o mundo conforme as lentes de Lady Águia (a opção pela cachorra como narrador traduz um convite para a mudança de perspectiva). Então assistimos a tudo pela primeira vez. Como leitores, *lato sensu*, voltamos à condição virginal.

Harry Laus convida, isto posto, a pensar uma inversão de valores, em que o choque seja provocado pela proibição, pela castração, e não pelas manifestações homoeróticas. Admitir tal estatuto é considerar que o sentido constrói-se sobre a indissociabilidade do dito e do dizer, do texto e do contexto, todos constitutivos da obra de arte. Afinal, “a arte é resumo, é sumo, é essência” (em *Os papéis do Coronel*).

Harry Laus, em 1976,
no seu retorno a Florianópolis



HARRY LAUS NA FRANÇA

CLAIRE CAYRON

Tradutora da obra de Harry Laus para o francês

A edição francesa da obra de Harry Laus teve duas etapas.

De 1987 a 1992, em colaboração com a Maison des Ecrivains et des Traducteurs (M.E.E.T.) de Saint-Nazaire — onde Harry Laus foi hóspede por duas vezes — as edições Arcane 17 publicaram: *Les Réveils de Zénon des Plaies* (*As Horas de Zenão das Chagas*); *La première balle* (*A primeira bala*), uma novela escrita em Saint-Nazaire e publicada mais tarde na coletânea *Caixa d'Aço*; *Jandira*, escolha de novelas das coletâneas *Bis* e *Do amor banido* (inédito), por fim *Les jardins du Colonel* (*Os papéis do Coronel*), romance ainda em manuscrito na época de sua tradução. A morte do autor em 1992, e a suspensão das atividades das edições Arcane 17 em 1995¹, interromperam as publicações.

Desde 1996, as edições José Corti (www.jose-corti.fr) retomaram e continuaram a publicação. Hoje, o conjunto da obra acessível de Harry Laus, editada e por vezes inédita, está traduzida em francês e reunida em cinco títulos: *Bis*, *Sentinelle du Néant* (incluindo *Les réveils de Zénon des Plaies* e *Le Saint Magique*), *Les Jardins du Colonel*, *Les Archives des bons morceaux* (incluindo *Caixa d'Aço*, mais uma seleção de novelas da coletânea inédita *Do amor banido* e os últimos textos do autor ainda inéditos no Brasil); enfim, sob o título (imaginado pelo próprio Harry Laus) de *Journal absurde* (*Diário absurdo*), pode-se ler em francês a tradução, a partir dos cadernos manuscritos, da totalidade dos diários íntimos de 1949 a 1959. Este trabalho, não somente de tradução mas de edição, recebeu na França o apoio do Centre National du Livre. A tradução dos diários ulteriores está dependendo de uma eventual edição brasileira, ou ao menos de uma transcrição datilográfica.

As sucessivas edições foram objeto de uns trinta artigos ou resenhas: nos grandes diários nacionais (*Le Monde*, *Le Figaro*) ou regionais (*Ouest-France*, *Presse-Océan*, *Sud-Ouest*);

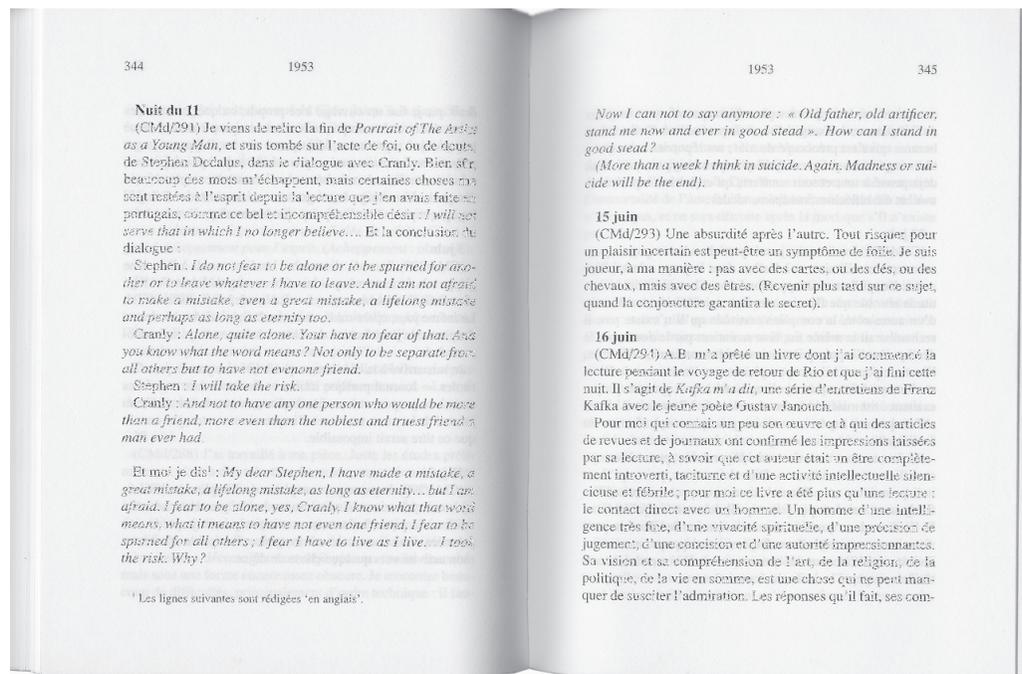
em vários magazines culturais impressos ou *online* (*Le Matricule des Anges*, *Politis*, *Les Inrockuptibles*, *SitartMag*); no *Bulletin critique du Livre français* (BCLF), órgão de informação das bibliotecas.

Os livreiros as têm conservado permanentemente em suas listas de livros recomendados.

Enfim, os lançamentos foram regularmente evocados nos programas literários da rádio France-Culture: «Panorama», «L'Esprit critique», «Le Livre du Jour».

Os artigos críticos que acompanharam a edição francesa seguem os três eixos tradicionais: personalidade do autor, temas abordados nos seus livros e particularidades de sua escritura, levando a aproximações com outros autores.

O percurso singular de Harry Laus, artista e militar, como é natural, é constantemente evocado assim como as múltiplas dificuldades decorrentes, na ordem social, artística e afetiva: o que Harry Laus, em uma entrevista de 1988, designava como «o drama pessoal de querer encontrar o sentido da vida» e que ele dizia encarnar na personagem de Zenão das Chagas. Observa-se o «humor e inteligência

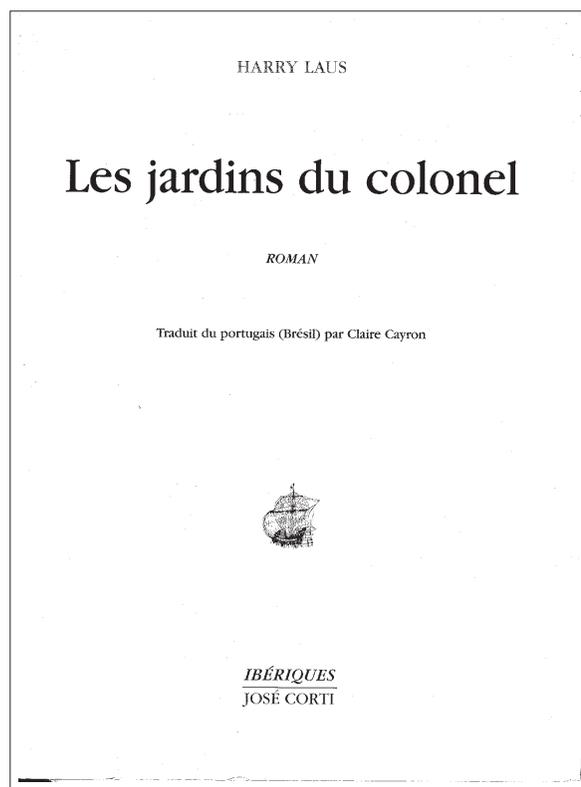


Reprodução do livro *Journal absurde*, publicado pela editora José Corti, traduzido por Claire Cayron

lacônicos» (Pierre Veilletet, *Sud-Ouest*) com os quais esta busca de sentido é abordada.

Pelos excertos das várias entrevistas concedidas quando de sua primeira estada em França — «O que me interessa, não é de localizar, de contar um país, uma região. É de apreender uma situação. O que me interessa é o que nos é comum. (...) Nós somos pequenos num mundo limitado. Quero dizer que somos grandes somente quando saímos de nós mesmos» — os jornalistas acentuam sua preocupação de evadir-se do local, do circunstancial, do particular. Assim Benoît Broyart (*Le Matricule des Anges*) elogia seu talento de «transformar o algum lugar em todo lugar».

As dúvidas recorrentes do autor quanto a si mesmo e a sua arte, tão fortemente expressas no *Journal absurde*, chamam igualmente a atenção. Ao temor de «que seu nome arriscava-se a ficar preso mais à libertinagem do que à literatura», René de Ceccatty (*Le Monde*) opôs um desmentido radical: «Ele se enganou». Enfim a sinceridade — para a qual o poeta-amigo Mário



Harry Laus
em 1938, cursando
o Ginásio N.S. da Conceição,
em Passo Fundo.



Reprodução da capa
do livro *Os papéis do coronel*,
publicado pela editora
José Corti, na França,
com tradução de Claire Cayron

Faustino dizia que Harry Laus tinha um «fascínio quase suicidário» — é muitas vezes observada e qualificada de «espantosa» por um leitor, que assinala igualmente a erudição patente no *Journal absurde*.

A atenção aos temas abordados ou desenvolvidos pelo autor está em relação com seu talento de «observador impiedoso do homem comum» — para Manuel Carcassonne (*Le Figaro*) ; de «cronista da infelicidade comum» (BCLF), «revolvendo com estilete as feridas de personagens sem qualidades» — segundo François Gaudry (*Sud-Ouest*) referindo-se ao título francês do romance de Musil *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O homem sem qualidades*, título em português). É geral a concordância a salientar na obra a tensão entre os extremos : «delicadeza e violência da vida», «splendor e misérias do álcool e do sexo», «constatação e recusa da realidade», e em consequência: «incurável nostalgia de um mundo inocente», «imprecisão dos sentimentos», «fragilidade dos atos». Para Fabrice Gabriel (*Les Inrockuptibles*), a obra parece percorrida ao mesmo tempo «pelas ondas turvas do passado e as promessas discretas de uma revelação futura pela arte e as paisagens».

Com formulações muito próximas, todos os analistas saúdam a economia da escritura, «virtuosidade narrativa» e «fluidez» para uns ;

«narração rigorosa e precisa», para outros ; «prosa desprovida de tagarelice, meticulosa», «escritura despojada de qualquer artifício» para outros ainda. A mesma unanimidade se encontra na homenagem prestada a «uma arte muito simples da elipse e uma espécie de fragilidade lacunar bastante extraordinária» (bela fórmula de Fabrice Gabriel em um artigo intitulado «Pérolas raras»), e também à «sensibilidade pictórica» do autor. Enfim, uma das observações mais interessantes, após o 5º título publicado, é a de Benoît Broyart (*Le Matricule des Anges*) que nota em Harry Laus «a capacidade de evoluir em vários registros conservando uma mesma voz».

A partir destas constatações, Harry Laus, para o crítico de *Le Monde*, está no «campo dos narradores poetas (...) ao lado dos Sandro Penna, Umberto Saba», próximo do «realismo trêmulo, se assim pode-se dizer, dos fronteiriços argentinos, Bioy Casares et Silvina Ocampo» ; aproximações idênticas foram feitas pelo crítico de *Le Figaro*. Outras referências são estabelecidas na esfera da literatura em língua alemã : com «a graça amarga de Rilke» para Fabrice Gabriel; «os contos filosóficos apreciados pelos Alemães» para Pierre Veilletet; Stefan Zweig e Klaus Mann para René de Ceccatty.

Como se vê, a recepção da obra de Harry Laus na França é constantemente atenta e

elogiosa. E enquanto o boletim mensal *Infos-Brésil*, evocando o «clima sensível e doloroso da obra», salientava o «destino pouco banal de ser mais bem conhecido em França do que no Brasil» ; enquanto a jornalista brasileira Luciana Veit intitulava seu artigo da *Revista Submarino* : «*Laus, um brasileiro desconhecido em seu país*» ; por sua parte, *Le Monde* de 23 de agosto 2001, em um artigo recapitulativo intitulado «Vindos de fora», classificava Harry Laus «na ordem dos escritores importantes».

C.Q.F.D., diz-se por aqui, (*ce qu'il fallait démontrer*, o que era preciso demonstrar). Uma das funções históricas da tradução.

Claire Cayron, 3 janvier 2002

A tradutora
Claire Cayron



¹ A M.E.E.T. continua sua atuação. O escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, entre outros, ali permaneceu durante algum tempo em 1994.

Do diário de Corumbá ao monólogo da provação

MARISTELA DELLA ROCCA MEDEIROS

Doutoranda, trabalha sobre a obra de Harry Laus.

Na obra literária, a entrega é lenta e caprichosa. Ninguém pode concluir nada antes de chegar à última linha, pois ali pode estar a chave de tudo

Harry Laus

O *Diário de Corumbá* começou a ser escrito logo na chegada de Harry Laus a Corumbá, como capitão do Exército Brasileiro, tendo, na maioria dos relatos, a si mesmo como protagonista da ação. Foi escrito com a intenção de ser publicado, pois as anotações neste diário diferem das encontradas nos diários anteriores. O tom confessional foi devidamente selecionado e censurado.

Mais tarde foi transformado em *Monólogo da provação*, porém o autor manteve a forma fragmentária do diário: em vez de capítulos, separou-os em “tópicos” numerados de 1 a 113. Logo no início do *Monólogo da provação*, Harry Laus nos esclarece que os tópicos 38, 94, 101 e 105 foram transformados nos contos *Segredo*, *Ao Juiz dos Ausentes*, *O Zelador* e *Tamanduá Bandeira*, respectivamente, publicados em *Ao Juiz dos Ausentes*, livro de contos publicado em 1962.

Realizada a leitura do restante da obra, detectou-se também que o tópico 24, fez parte da edição: *Heptacronos*, *Páginas de Diário*, de 1985. Nova surpresa foi encontrar páginas do *Monólogo* no romance *Os Papéis do Coronel*.

Vários destes tópicos foram criados a partir de assuntos do seu dia-a-dia, que Harry Laus relatava nas cartas enviadas para a cidade do Rio de Janeiro, à sua irmã Ruth Laus e ao amigo confidente Walter Wendhausen. Acrescentou ainda ao *Monólogo*, aparentemente na íntegra, as sete cartas enviadas a ele pelo poeta Mário Faustino. Reforçando o tom de veracidade pretendido pelo autor, logo na apresentação da obra encontramos: “As anotações para este livro foram tomadas em Corumbá, Mato Grosso, durante o ano de 1958 e início de 1959.”



Harry e Lindof Bell,
no Museu de Arte de Santa Catarina,
em 1988

As cartas de Harry Laus trazem-nos um homem contraditório, estranhamente dividido entre o molde militar e os impulsos de um temperamento apaixonado. O que Harry Laus constrói tanto em suas cartas como em seus diários é uma ficção autobiográfica. Preocupado com sua imagem futura, vai construindo uma personalidade que é também personagem com isso, mesclando em todos os seus escritos, sem exceção, essa personalidade múltipla que foi a do escritor. E, ao mesmo tempo em que constrói essa ficção, a história vai aparecendo no meio, com pitadas da vida nacional, como bem exemplifica o *Monólogo da Provação* ao revelar um outro Brasil, do centro-oeste em contraste com o sul e o sudeste. Embora não sejam aprofundados, os problemas da situação militar são colocados por Harry Laus de maneira crítica, apesar da exclusão dos mais severos, existentes apenas no *Diário de Corumbá*.

Uma das justificativas do escritor para a não publicação da obra foram motivos políticos. Era o ano de 1964 e isso agravou a dificuldade de encontrar editor para o *Monólogo*, fazendo-o desistir da publicação durante todo o período da ditadura militar.

Mas por que então não o publicou na década de oitenta, época de abertura política e grande interesse por desvendar práticas militares reacionárias? Pode-se pensar que as razões da escolha por mantê-lo no ineditismo foi devolvê-lo à situação de origem — diário — e, como tal, fonte de consulta, obra que funcionaria como uma espécie de *memória – arquivo*, para a elaboração de outros trabalhos de caráter eminentemente ficcional.

Analisando, comparando, associando diários, contos, cartas, vemos uma só personalidade aflorar, a do escritor de um só e grande texto: ele mesmo. Como anotou Aníbal Machado em seu *Diário*: “Todo escritor tem uma só obra, que pode ser distribuída em vários livros. O resto são derivados dela.”

Porém, não se pode querer ver o escritor e sua obra como sendo uma única realidade. Cabe ao crítico fazer a separação entre o mundo ficcional e o da vida do autor. Analisado como um diário ficcionalizado, o *Monólogo da Provação* apenas abriu um dos caminhos de uma das trajetórias literárias do escritor Harry Laus.

SANTO MÁGICO

desveste máscaras humanas

LAURO JUNKES

Professor de Literatura da UFSC

A literatura adquire vitalidade unicamente através da leitura e um escritor sobrevive na medida em que permanecem leitores interessados na sua obra. Lembramos dez anos do falecimento de Harry Laus e, felizmente, duas pessoas dinamizam a obra do escritor, mantendo-o vivo entre nós: sua irmã Ruth, que organizou em volume único todos os contos e novelas de Harry, sob o título *Ao Juiz dos Ausentes*; e a prof.^a dr.^a Zahidé L. Muzart que, a duras penas, vem gerenciando dignamente o acervo literário do escritor, tendo orientado diversas dissertações e teses na UFSC, para resgate dos escritos inéditos.

A novela *O Santo mágico*, publicada originalmente em 1982, agora surge em versão revista pelo autor. Ao enveredar de alguma forma pelo realismo mágico, ou ao parodiar as credences populares, Laus apresenta um texto mais enxuto. Os segmentos estão agora melhor delimitados, assinalando-os espaços distanciadores.

Num complexo de ação bem delimitada, que se projeta em rápidos lances e se avoluma num crescendo, mas, no clímax, se esfuma instantaneamente, a novela se restringe a pequeno espaço, em Porto Belo, especificando apenas quatro locais: o marco da Marinha, a igreja e as casas de Luca e Altair. Reduzido a breve unidade, o tempo concentra-se num sábado de final de março, para esvaír-se rapidamente no domingo.

Harry Laus selecionou com perspicácia esses elementos rigorosamente delimitados e, dentro da pragmática dos fatos, captou e imprimiu traços marcantes aos três agentes básicos: Luca, “pés de cinquenta anos”, simples e desprezencioso pescador, de “pouca imaginação mas muito tino marítimo”, casado com lavadeira Frida, depositando seu orgulho no filho Raimundo/Mundo/Mundinho, que estuda na Capital. Altair, experiente do mundo, vida de caminhoneiro, agora numa “possível felicidade” em Porto Belo, com Maria que trouxe do Rio de Janeiro, tem filho pequeno – Argo, que “terá um navio e vai nos trazer o Velocino de Ouro”; vivendo “perdido em cismas”, angustiado com “crenças em outro mundo no centro da Terra”, “aos vinte e dois anos, Altair já transferiu quase todos os sonhos para o filho”. Embora a vizinhança os aproxime, os dois casais se distanciam muito. O trio é completado por personagem mais estranha: Pe. Anatole, que todas as madrugadas repete o ritual, preservan-

do com cuidado seu estojo com o tesouro de maquiagens, as sapatilhas e o traje de balé, justificando: “Tenho direito a meus sonhos, não me deixaram ser bailarino”, sendo tratado por Altair de gorducho ou tatu-bola.

A pacata Porto Belo, já esvaziada de turistas, vivendo harmonia calma com a natureza, vê todo seu quadro e essas personagens perturbados de repente. É que, configuradas as três personagens, o desligar o rádio de Anatole, sábado de madrugada, faz abrir-se para Luca um atordoante zumbido: absorvido por “qualquer coisa luminosa (que) gira com tanta velocidade, ele se vê paralisado e em tremor. Tenta raciocinar e racionalizar os fatos, mas seu monólogo interior só retrata perplexidade: alucinação? Um Santo?

E está desencadeado o drama na pequena cidade. Ninguém quer acreditar, mas a curiosidade que a todos arrasta para ver o marco da Marinha, com a luz, não faz ninguém desmentir nada. Altair, curioso e ansioso, quer ver e conversar com o Santo, porque “sempre desejou uma revelação sobrenatural” e agora chegou a vez: “Veio a meu pedido e tem de conversar comigo”. Luca, passado o abalo da revelação inicial, está seguro: “Ninguém, nem mesmo o padre, poderá duvidar de sua palavra. Sente-se dono da revelação”. Já Anatole, resistente total, “perdeu o sentido espontâneo de viver” e sente-se “um monte de carne medrosa, covarde, defendida pela batina”.

Na madrugada de domingo, ocultando-se cada um dos três, indo certificar-se da “aparição”, a confluência é inevitável. Altair, imaginado que “o Santo poderá ter consigo a chave de sua angústia”, avança com punhal em riste. Teria desmistificado tudo? Num corte rápido, passa-se aos festejos do domingo, “e se diluem os fatos que transformaram Porto Belo...”. Entretanto, subrepticamente preparada para revolver, agora sim, os caminhos do pacato lugar, o Mundinho de Luca, decide “roubar” a Maria de Altair.

A narrativa estrutura-se em habilidosa técnica, em construção contrapontística, para interrelacionar personagens e temas. Com boa sutileza, os ingredientes são armados, algumas personagens vêem-se expostas na sua intimidade, e a condição humana desmascara-se na suas ânsias e subterfúgios, diante da impiedosa realidade.

Foto de Lúcio Giovanella



Werner Schünemann em cena de *O santo mágico*

SANTO MÁGICO NO CINEMA

RONALDO DOS ANJOS

Diretor e roteirista

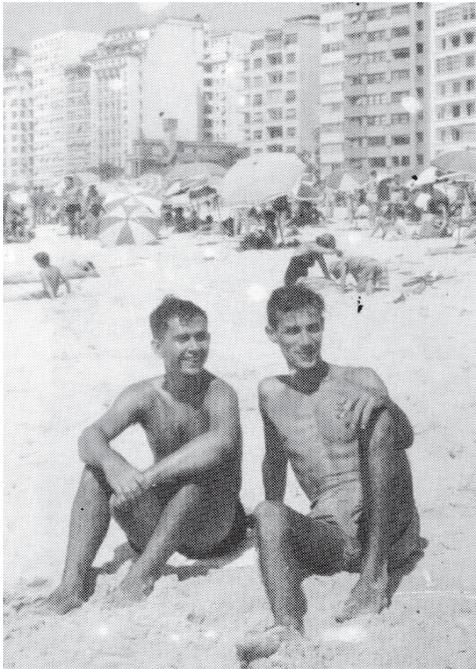
Quando li a novela *O santo mágico*, em 1985, me senti mergulhado em um universo muito particular. Minha região, amigos que inspiraram alguns personagens e algumas histórias que presenciei estavam ali.

Harry Laus transformou fragmentos da realidade em ficção através de um texto simples e gostoso de ser digerido. Senti vontade de levar adiante aquela idéia de transformação, não de realidade em literatura, mas de literatura em imagens.

Apresentei o roteiro a Harry Laus. Seu entusiasmo me encheu de vontade para viabilizar a produção. Após esbarrar em muitas dificuldades na busca de recursos, acabei engavetando o projeto. Com o surgimento das leis federal e estadual de incentivo à cultura, tirei o projeto da gaveta e encaminhei às referidas leis. Com o projeto aprovado, os recursos captados, a equipe e o elenco definidos, chegamos a Porto Belo. Foi neste balneário, onde foi escrita a novela e se passa a trama, que conheci Harry, no final dos anos 70. Apresentei-me como seu conterrâneo e fã. Hoje me sinto feliz e orgulhoso por estar trabalhando na adaptação de um de seus livros para o cinema e, por coincidência, justo agora nesta época que prestamos homenagem a este ilustre tijuquano por ocasião dos dez anos de seu falecimento.

TEMPO E ANDANÇAS do acervo de Harry Laus

Harry Laus e o poeta Mário Faustino, em 1955, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro.



BIBLIOGRAFIA

Livros publicados no Brasil:

- *Os Incoerentes*. Rio de Janeiro: São José, 1958
- *Ao juiz dos ausentes*. Rio de Janeiro: Opama, 1961
- *De como ser*. Florianópolis: Lunardelli, 1978
- *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*. Joinville: Ed. do autor, 1982
- *Bis*. Florianópolis: FCC, 1982;
- *O santo mágico*. Porto Belo: Ed. do autor, 1982;
- *Heptacronos*. Florianópolis: ed. Sanfona, 1985;
- *As horas de Zenão das Chagas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987;
- *Caixa d'ago*. Florianópolis: EDUFSC, 1989;
- *Sentinela do nada*. Florianópolis: Noa Noa, 1992;
- *Os papéis do coronel*. Florianópolis: EDUFSC, 1995 e 2ª ed. 1997.

Organizados por Ruth Laus

- Harry Laus. *Artes Plásticas*. Rio de Janeiro, 1996;
- Harry Laus. *Cine Teatro*. Rio de Janeiro, 1997,
- *Impressões de vida e leituras*. Florianópolis: Bernúncia, 1998,
- *Monólogo da provação*. Florianópolis: Bernúncia, 1998
- *O santo mágico* (reedição), Rio de Janeiro: Editora Laus, 2001;
- *Ao juiz dos ausentes*, Rio de Janeiro: Editora Laus, 2002.

Livros publicados na França,
com tradução de Claire Cayron

Editora Arcane 17, Saint Nazaire

- 1988 *Les réveils de Zénon des Plaies*;
- 1989 *Jandira*;
- 1989 *La première balle*;
- 1992 *Les jardins du colonel*

Editora José Corti

- 1998 *Sentinelle du néant*;
- 1997 *Bis*;
- 2000 *Les jardins du colonel*;
- 2000 *Journal absurde (1949-1959)*;
- 2001 *Les archives des bons morceaux*

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

Professora de Literatura da UFSC e diretora da editora Mulheres

Com a preocupação de preservar a memória textual dos escritores catarinenses, fundamos um Núcleo de Documentação e Pesquisa em 10 de setembro de 1992 cuja missão seria a guarda dos acervos dos escritores falecidos. E, para não se tornar somente um arquivo, o principal objetivo visaria ao incentivo de estudos sobre os manuscritos.

Já bastante doente, no ano em que comemoraria 70 anos, o que de fato não ocorreu, o escritor preocupava-se muito com o destino a dar a seus papéis, pois, além de manuscritos, de inéditos, de cartas e da fortuna crítica, deixava vários e valiosos diários. Então lhe falei da intenção de fazer um núcleo de documentação e de pesquisas centrado na literatura de Santa Catarina. Ele não me afirmou que deixaria seu acervo para a UFSC mas, após seu falecimento, fiquei realmente comovida com sua confiança, pois deixara todos os seus textos para a UFSC. Hoje, o núcleo se aglutinou ao de Literatura e Memória do curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e está em uma sala especial deste projeto.

Harry Laus, além de escritor foi crítico de arte, a partir de 1961, com intensa atividade jornalística, assinando colunas especializadas no Rio e em São Paulo em importantes revistas como *Senhor e Vêja* e jornais como *Correio da Manhã*, *Journal do Brasil*, *Folha de São Paulo*, *Diário de São Paulo* e outros. Todos esses artigos, mais de 1000, estão em pastas, por periódico e em ordem cronológica, assim ordenados por ele mesmo.

O acervo de Harry Laus nos foi doado já organizado pelo próprio escritor, que deixou sua vida literária em ordem, e por sua irmã, a escritora Ruth Laus. Harry era extremamente minucioso, extremamente organizado. O acervo compõe-se de *Diários*, *Correspondência*, *Projetos*, *Inéditos*, *Crítica de arte*. Ainda deixou uma pasta com a árvore genealógica, seu currículo e uma outra com papéis da sua vivência no Exército.

Sempre ligado à pesquisa, o trabalho com o acervo de Harry Laus já originou os seguintes trabalhos:

1. Luísa Cristina Dos Santos. *Cara ou cachorra? um jogo discursivo de-como-ser sujeito*. Dissertação de mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto. UFSC 1997.

2. Maristela Della Rocca Medeiros. *Monólogo da provação: ficção e diário (resgate de um inédito de Harry Laus)*. Dissertação de mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart. UFSC, 1998.

3. Maria Albertina Freitas de Melo. *Contrapontos: as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*. Dissertação de mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart. UFSC, 2001.

4. Taíza Rauen Moraes. *Diários: espaço de presença e ausência de Harry Laus*. Tese de doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart. UFSC, 2002. Defesa: junho.

De minha parte, também trabalhei com o acervo de Harry Laus e publiquei ensaios sobre a correspondência e sobre o próprio acervo, tendo apresentado comunicações sobre o escritor em congressos.

Mas, além desses trabalhos já concluídos, o acervo permite ainda muitas teses e dissertações, pois o material é muito rico. Há possibilidade de se estudar a fundo os diários, uma vez que todo o trabalho de organização em uma edição genética já foi realizado por Taíza Rauen Moraes (Univille). Há possibilidades de estudo de temas como o fazer literário, o mercado editorial, o exercício da tradução, o leitor modelo, a crítica literária, entre tantos. Mas é o estudo da questão de gênero que muito se enriqueceria com um debruçar-se sobre os lúcidos escritos de Harry Laus. Penso que o acervo Harry Laus, se depender de nosso exercício de prazer e paixão, pode originar muitas publicações, muitas análises. Como o disse Harry Laus, em um de seus diários: *Há profissões que terminam antes que a vida se encerre, outras prolongam-se até a morte e as mais nobres permanecem depois dela*. Essa última é a dos escritores. Mas somos nós pesquisadores, leitores e críticos, que fazemos com que eles permaneçam além da morte, por todo tempo e por muitas andanças.

Entrevista com Ruth Laus

MARISTELA DELLA ROCCA MEDEIROS

Em maio de 1992, logo após a morte de Harry Laus, conheci Ruth, também escritora e irmã de Harry, em Florianópolis. O momento era de fortes lembranças e marcou o início de um sério trabalho para ela: preservar a obra literária de seu irmão.

Durante algum tempo mantivemos contato, para mim muito significativo pela sólida formação intelectual desta catarinense.

Harry Laus e Ruth Laus,
1942, em Porto Alegre



Maristela – *Quais os projetos realizados por você nestes dez anos sem Harry Laus?*

Ruth – Sob o valioso apoio dos principais nomes da Cultura Catarinense – impossível citá-los (questão de espaço) – conseguimos, a partir de 1992, vários eventos com lançamento de parte de sua obra inédita ou reedições, de parte, com a única e simples intenção de manter viva a presença, dentro da cultura brasileira, de um de seus “operários” . Um lutador de nome Harry Laus.

Maristela – *O que ainda não foi concretizado?*

Ruth – Concretizar uma obra que o destino impediu ao seu criador parece-me impossível, principalmente na altura de meus 82 anos. Entretanto, fazendo o possível, teremos neste mês o livro *Ao juiz dos ausentes*, onde 417 páginas reeditam 8 livros do autor, contando com fotos e texto bibliográfico.

Maristela – *Como Ruth Laus vê o que tem sido feito pela imprensa e pelos órgãos competentes em Santa Catarina durante este mesmo período?*

Ruth – Conforme respondi na primeira pergunta, apoiada por órgãos e imprensa, consegui realizar alguns eventos. Fora deles (meus eventos) tivemos a medalha Cruz e Sousa, belas páginas de *Ô Catarina!* anos atrás. E agora, minha gratidão pela edição, outra vez , de *Ô Catarina!*, na homenagem a Harry Laus.

Maristela – *O que representa a tradução de livros de Harry na França e, ainda, o que o livro significou para Harry Laus?*

· Ruth Laus é escritora, tendo publicado os romances *Viagem ao desencontro*, 1972 e *Presença de Thalia*, 1990 e a coletânea de contos *Relações*, 1994, além de livros sobre arte e decoração e o livro de memórias *A última carta. Laus. Apenas*. Depois do falecimento de seu irmão, ela organizou e publicou os seguintes livros, entre esparsos e reedições:

· 1996: Harry Laus *Artes plásticas*;
· 1997: Harry Laus *Cine-Teatro*;
· 1998 Harry Laus *Impressões de vida e leituras*;
· 1998 Harry Laus *Monólogo da provação*;
· 2001 Harry Laus *O santo mágico*;
· 2002 Harry Laus *Ao juiz dos ausentes* (reunião de contos e novelas).

Ruth – A tradução de livros na França, para Harry Laus ainda vivo, representou a grande vitória que ele esperou e não alcançou no Brasil. Agora, o que significa o livro para seu autor? O que significa para você seus queridos filhos?

Maristela – *Quem são hoje os leitores de Harry Laus?*

Ruth – Pergunta difícil de responder. São, naturalmente, os leitores da boa literatura.

Maristela *A quem cabe formar estes leitores?*

Ruth – Aos pais, professores, imprensa e todos os pseudo “órgãos culturais” e à sociedade bem constituída. Orgulha-me termos um jornal como *Ô Catarina!*, com equipe altamente preparada para a valorização da cultura revelando recordando, personagens ausentes dela. Também me é grato a existência de pessoas como você, que trabalha a obra de Harry Laus. Obrigada.

PRÊMIO CRUZ E SOUSA 2002 CONCURSO NACIONAL DE CONTOS



O Governo de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e a Academia Catarinense de Letras lançam o Prêmio Cruz e Sousa 2002 – Concurso Nacional de Contos, que será regido pelo seguinte

REGULAMENTO

1 - O PRÊMIO CRUZ E SOUSA 2002 destina-se a livros de contos escritos em língua portuguesa por brasileiros, residentes no País ou no exterior, em duas categorias de premiação - Categoria Nacional e Categoria Catarinense.

2 - Para participar do Concurso, os candidatos deverão:

2.1 - Enviar os originais do livro em 6 (seis) vias, datilografados ou digitados em espaço 2(dois), em uma só face do papel, identificados com título e pseudônimo, com todas as páginas numeradas e encadernadas em espiral. Se impresso por computador, deverá ser anexada aos originais uma cópia em disquete, em editor de texto padrão MS-Word, da mesma forma identificada com título da obra e pseudônimo.

2.2 - Anexar um envelope, opaco e rigorosamente fechado, contendo internamente o título da obra, pseudônimo, o nome completo do autor, endereço, telefone, data de nascimento, cópia da carteira de identidade e do CIC e um breve currículo. Para os concorrentes na Categoria Catarinense deverá ser acrescentado ainda o comprovante oficial de naturalidade ou de residência há mais de cinco anos no Estado de Santa Catarina. Externamente, na face superior do envelope, deverão constar apenas o pseudônimo e o título da obra.

3 - As inscrições estarão abertas de 30 de abril a 30 de julho de 2002.

4 - Os originais deverão ser encaminhados à Secretaria do Concurso Cruz e Sousa - Fundação Catarinense de Cultura - Av. Irineu Bornhausen, 5000 - Agrônômica - CEP 88025-202 - Florianópolis - SC. Para efeito de cumprimento de prazo, será considerada a data de postagem do material.

5 - Os originais deverão ser inéditos, sendo que a divulgação pública dos mesmos, no todo ou em parte, eliminará o candidato.

6 - Está prevista a premiação de 6 (seis) concorrentes, nas duas categorias:

6.1 - Categoria Nacional

- 1o. Lugar - R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais)
- 2o. Lugar - R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais)
- 3o. Lugar - R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)

6.2 - Categoria Catarinense

- 1o. Lugar - R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais)
- 2o. Lugar - R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais)
- 3o. Lugar - R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)

7 - O autor catarinense - assim considerado o nascido ou residente no Estado de Santa Catarina há, no mínimo, 5 (cinco) anos - concorrerá automaticamente nas duas categorias, desde que escreva em cada cópia dos originais, junto ao pseudônimo e ao título do livro, a palavra *Catarinense*.

8 - É permitida a participação no Concurso com mais de um livro. No caso de um autor classificar mais de um livro, receberá apenas o prêmio de maior importância.

9 - Os originais serão avaliados por uma Comissão Julgadora formada por 5 (cinco) membros de reconhecida expressão no meio literário.

10 - Os trabalhos de julgamento terão início imediatamente após o encerramento das inscrições, ficando prevista a sua conclusão em até 60 (sessenta) dias.

11 - As decisões da Comissão Julgadora serão irrecorríveis, reservando-se ela o direito de não atribuir qualquer dos prêmios e de conferir as menções honrosas que considerar necessárias.

12 - Os resultados do Concurso serão divulgados no mês de setembro de 2002, em dia a ser definido, em reunião da Comissão Julgadora com a Comissão Organizadora, na presença dos meios de comunicação.

13 - Além do prêmio em dinheiro, os vencedores terão suas obras editadas pela Fundação Catarinense de Cultura, à qual cederão os direitos autorais da primeira edição.

14 - Na constatação, após a outorga dos prêmios, de que a cláusula 5 não tenha sido cumprida por qualquer candidato, o valor correspondente à premiação e aos custos da edição do livro deverá ser devolvido, sem o que serão adotadas as medidas judiciais cabíveis.

15 - A entrega dos prêmios ocorrerá na segunda quinzena de novembro de 2002, em Florianópolis - SC.

16 - Os originais ficarão, durante 30 (trinta) dias depois de concluído o Concurso, à disposição dos autores, na Secretaria do Concurso. Após esse período, serão inutilizados.

17 - Os casos omissos serão decididos em conjunto pela Comissão Organizadora e pela Comissão Julgadora.



INFORMAÇÕES:

Secretaria do Prêmio Cruz e Sousa 2002
Concurso Nacional de Contos
E-mail: premiocruzesousa@fcc.sc.gov.br
Site: www.fcc.sc.gov.br
Fone: (48) 333-2335

A PENÚLTIMA DÉCADA



O primeiro aparelho de rádio eu vi aos oito anos, de longe, na soleira de uma janela de uma casa em Tijucas, Santa Catarina. Único na cidade, em forma gótica como a porta de uma igreja, transmitia notícias da Revolução de 30 para uma porção de gente que se acotovelava na calçada até ao meio da rua. Nesse tempo, os poucos telefones eram de parede e funcionavam a manivela. No Cine-Teatro os filmes mudos tinham acompanhamento musical pelos irmãos Sebastião e Maria Cruz, ele ao violino, ela ao piano, dando o máximo de si para excitar a platéia nas brigas do mocinho com o bandido, ou para enternecê-la nas cenas de amor. Não sei bem se isto foi antes de 30, mas por essa época vi deslumbrado o primeiro filme sonoro: *O Rei do Jazz*, com Eddy Cantor.

Aos onze anos fui para Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Por lá o som tinha ganho novos efeitos: a Casa Rádio de meu irmão Jayme transmitia para a Praça a Hora do Brasil, seguida de música e propaganda comercial. O povo juntava-se sob os alto-falantes da esquina para ouvir notícias da Intentona Comunista de 1935, o movimento Integralista de 37, o começo da II Grande Guerra. Os modelos de rádio sucediam-se a cada ano e vendia-se um chamado Blaupunkt com uma luzinha azul para sintonizar as estações. Por esses anos também apareceram os primeiros aviões de passageiros em Passo Fundo, quando a Varig inaugurou uma agência na loja de meu irmão.

Ao tempo em que ainda se usava o fuzil Mauser 1908 e as metralhadoras Madsen e Hotkiss, entrei para escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre. Estávamos em 1941. As vitrolas haviam dispensado a manivela pela eletricidade e nas festinhas de aniversário o som mecânico funcionava a todo pano. O cinema exibiu *E o Vento Levou* para platéias em lágrimas, enquanto a guerra esquentava na Europa..

Como estávamos longe de 1989! A grande vantagem de eu ter nascido em 1922 foi assistir à descoberta e aperfeiçoamento de tudo o que torna ímpar e grandioso o século XX. A televisão, por exemplo. Lembro ter visto em filmes, durante a Guerra, o novo e misterioso objeto que pegava as imagens do nada. Não entendia (como até hoje não entendo) como se captam imagens soltas no espaço; como é que, sem perceber, estamos respirando imagens perdidas no nosso ar de cada dia. Chegará o tempo em que, sem ajuda de aparelho algum, nossa própria eletricidade vai gerar imagens e realizá-las no espelho da sala? Poder chegar em frente ao mistério do espelho e pedir: por favor, quero rever meu sonho de ontem.

Ao enigma da televisão junto muitos outros. Até do telefone. Como posso hoje falar com meus amigos de Nova York e Paris com um simples dedilhar de números, muito melhor do que falava da Joaia ao Pontal, em Tijucas? Como posso atravessar a distância Florianópolis-São Paulo em uma hora, se levei quatro dias de Tijucas a Passo Fundo? E tanta coisa mais! Relógio em que não se precisa dar corda, maquininhas que fazem todas as contas sem necessidade da taboada que me ensinou a professora Ondina Dias no Grupo Escolar Cruz e Sousa.

Mas hão de dizer que perdi o fio da meada, que misturei tempos e datas, que não falei das metralhadoras Ponto 30 e Ponto 50, no radar que localiza armas do inimigo. E pode alguém ser coerente quando convive com o carro-de-molas puxado a cavalo, o avião a jato, o homem indo à Lua? Quando tem em casa o passado na lembrança convivendo com fitas cassete, discos laser, a máquina eletrônica registrando na memória tudo isto que estou escrevendo?

Sei que o título deste artigo é *A Penúltima Década* e talvez esperem que eu discorra sobre ela. Mas ainda é preciso falar em computadores, robôs e energia nuclear. Depois da maldita bomba de Hiroshima, o massacre apresentou-se com outras roupas no Viet-Nam no Cambodgia, num estádio de Munique, em Israel, no Líbano, Irã-Iraque, na China em 1989. Foram continuamente descobertos subterfúgios para não se por fim à II Guerra Mundial. E o desastre de Chernobil sacudiu a humanidade. A maior vantagem da energia nuclear foi despertar no homem a consciência da ecologia. O movimento vem-se espalhando por todo mundo e talvez baste esse fato para justificar a penúltima década do século XX.

A velocidade do progresso científico vem afastando o homem da terra que o viu nascer, seu destino final, seja quando ouvia o violino de Sebastião Cruz no Cine-Teatro ou a Quinta Sinfonia de Beethoven em disco laser, num ambiente climatizado. Tanto num lugar como no outro, pode-se ter vivido ou viver tranqüilamente, sem saber que Saturno tem seis luas, porque a nossa lua segue romântica e bela.

Porque o bonito do ser humano não é só inventar e descobrir tudo o que foi descoberto e inventado de 1922 para cá, ou muito antes. O mais bonito do ser humano tem sido voltar para casa, reconhecer suas limitações neste mundo reduzido, mas adivinhar intacta, desde o começo dos tempos, sua capacidade de amor. Esta, não há década nem século capaz de destruir.